

## A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO ESPECIAL E NO PROCESSO DA INCLUSÃO ESCOLAR

**Fernanda dos Santos Martins de Melo**

Docente. Pedagoga - Universidade Iguazu.

<https://lattes.cnpq.br/3205088293816984>

<https://orcid.org/0009-0002-2516-1823>

E-mail: [fernandasantmartins21@gmail.com](mailto:fernandasantmartins21@gmail.com)

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2023.V2N3-12>

**RESUMO:** Este artigo tem por finalidade investigar de que forma e ou modo como também a importância e os benefícios que proporciona a afetividade na educação especial no processo de inclusão escolar aos educandos. Na antiguidade, as pessoas que nasciam com algum tipo de deficiência eram isoladas da sociedade, abandonadas, expostas e ridicularizadas ou até mesmo mortas. Após fazer observações no âmbito escolar, aos alunos como também os profissionais da área, via necessidade de procurarmos nos aprofundar para podermos pontuar possíveis soluções, fazer esclarecimentos, conscientizações, reflexões e mostrar os resultados obtidos. Analisar o acesso das crianças com deficiências nos processos escolares, tendo como específico a inserção dessas crianças de modo afetivo. Proporcionar a educação especial e inclusiva os aspectos sócios afetivos que devem resultar na construção de um desenvolvimento e aprendizagem cada vez mais significativos. Segundo a autora Mantoan a inclusão depende de uma mudança educacional, o que busca uma reorganização do processo educativo como um todo. Na construção do meu artigo científico procurou-se obter várias informações cabíveis e necessárias para a construção desse trabalho, procurando embasamento teórico de uma prática vista como importante. Esse resultado se deu através de pesquisas teóricas que defendem essa prática buscando através de questionários visou contemplar alguns questionamentos reflexivos como: De que forma se sente uma criança com deficiência quando não se tem afeto e inclusão de fato? Como os pais vêm a escola, a aluna e a professora no contexto escolar? Como a professora analisa o quadro da criança com deficiência nos aspectos sociais, cognitivo e afetivo? De que forma a professora se alto analisa com relação a afetividade e inclusão? Concluo essa pesquisa destacando que é preciso um trabalho conjunto de toda a instituição escolar para que a pleno desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades, cognitivas, afetivas, emocionais, éticas e inserção social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Afetividade. Inclusão. Educação. Desenvolvimento. Aprendizagem.

### THE IMPORTANCE OF AFFECTIVENESS IN SPECIAL EDUCATION AND IN THE SCHOOL INCLUSION PROCESS

**ABSTRACT:** This article aims to investigate how and or how it is also the importance and benefits that provides the affectivity in special education in the process of school inclusion to the students. In antiquity, people who were born with some kind of disability were isolated from society, abandoned, exposed and ridiculed or even killed. After making observations in the school, to students as well as professionals in the area, the need to seek to deepen so we can punctuate possible solutions, make clarifications,

awareness, reflections and show the results obtained. Analysing the access of children with disabilities in school processes, having to specify the insertion of these children in an affectionate manner. Provide special education and inclusive the affective partner aspects that should result in the construction of an increasingly significant development and learning. According to the author Mantoan inclusion depends on an educational change, which seeks a reorganisation of the educational process as a whole. In the construction of my scientific article, it sought to obtain several appropriate and necessary information for the construction of this work, seeking the theoretical basis of a practice seen as important. This result has been given through theoretical research that advocates this practice seeking through questionnaires aimed to contemplate some reflective questions such as: How does a child with a disability feel when not affection and inclusion in fact? How does the parents come to school, the student and the teacher in the school context? How does the teacher analyze the framework of the child with disability in the social, cognitive and affective aspects? How does the teacher get high analyses with regard to affectivity and inclusion? I conclude this research by highlighting that it takes a joint work of the entire school institution so that inclusion in an affective factor will bring good fruits so that they have the full development of their capacities and potential, cognitive, affective, emotional, ethical and social insertion.

**KEYWORDS:** Affectivity. Inclusion. Education. Development. Learning.

## APRESENTAÇÃO

Este artigo tem por finalidade investigar de que forma e ou modo como também a importância e os benefícios que proporciona a afetividade na Educação Especial no processo de inclusão escolar aos educandos e na ocasião investigar os entraves e dificuldades no cenário escolar na perspectiva de esclarecimento, e possíveis soluções, bem como descrever sugestões relevantes na prática da afetividade no cotidiano escolar do Brasil em especial na Escola Municipal Luiz Moreira da Silva- Alto do Rodrigues dando ênfase a crianças com deficiência de 10 à 12 anos do 3º e 4º anos do ensino fundamental regular.

Que na ocasião buscou- se descobrir através de referenciais, artigos, revistas, livros, depoimentos e observações, a forma de como o professor utiliza e analisa a afetividade como também o papel da escola e da família neste sentido.

As várias questões apresentadas nesta pesquisa representam a um só tempo, o objetivo e o conteúdo desse trabalho, que busca entender a importância que a afetividade tem na educação, e em especial na Educação Especial e Inclusiva, na perspectiva de elucidar aspectos que norteiam a afetividade no contexto educacional, compartilhando informações, experiências e reflexões.

Essa dissertação vê a afetividade como de suma importância no processo de aprendizagem ao educando por ser parte da natureza humana, a comunicação, a interação e o diálogo. As práticas que conduzem a afetividade em um fator inclusivo na esfera do conhecimento, dando-lhes significados, representam para a criança a oportunidade para ampliar sua capacidade de articular os processos perceptivos e cognitivos nela existente, relacionando-os para a comunicação e a interação com os demais.

A escola, sendo algo novo para o educando é necessário que a mesma sinta-se amada, aceita, incluída, acolhida, ouvida, e entendida nesse novo ambiente para que assim, possa despertar para seu desenvolvimento e conseqüentemente o aprendizado. A abordagem do papel da afetividade num contexto de desenvolvimento integral, visa identificar a relação dos vínculos afetivos socialmente construídos no âmbito escolar e uma aprendizagem significativa mediada pelo adulto.

Nesse contexto, observa-se que o educador, a escola e a família tem uma ferramenta importantíssima, mas se deixada de lado pode causar sérios danos, um bom relacionamento, falo da afetividade num fator inclusivo.

Um bom relacionamento entre professor e os alunos pautado no respeito e carinho favorece essa mediação, ao perceber a importância de uma relação dialógica positiva entre docentes e discentes para um melhor processo de desenvolvimento, Na relação social estabelecida entre professor e aluno, buscaram-se validar o papel do professor como intermediador entre o aluno e o conhecimento, e a escola como um todo no processo de inclusão.

Os vínculos afetivos constituem-se instrumentos que permitirão a apreensão intelectual significativa, dado o grau de envolvimento entre a criança e o adulto, pois possibilita a expressão e a comunicação entre eles, ao longo do processo de desenvolvimento, esses vínculos ampliam seu papel. Desse modo, a figura do professor surge repleta de importância em sua aprendizagem como também o fortalecimento das relações afetivas entre ambos, contribuindo assim, para um melhor rendimento escolar.

Essa pesquisa visa conhecer e esclarecer um pouco das dificuldades enfrentadas na escola como um todo em relação ao processo de inclusão afetivo como também a inclusão de alunos com deficiência no âmbito educacional e de que forma vem se

consolidando no Brasil, suas propostas políticas, suas perspectivas e concepções que estariam contribuindo para a compreensão do cenário e da complexibilidade, dos processos em que se inserem.

## PROBLEMA

Na antiguidade, as pessoas que nasciam com algum tipo de deficiência eram isoladas da sociedade, abandonadas, expostas e ridicularizadas publicamente ou até mesmo mortas. “A ideia que prevalecia na época é que, independentemente do tipo de deficiência, esta seria uma marca da ira divina o que portanto, a pessoa deficiente carregava consigo uma marca física, sensorial ou mental do pecado” (SCHIMITT, 2007; p. 22).

Miranda (2003, p. 2) complementa a versão avaliando que todo esse desprezo e negligência eram legitimados pela sociedade que, apesar disso, cuidava dos portadores de necessidades especiais de acordo com a concepção de caridade ou castigo predominantes na comunidade em que este estivesse inseridos. Em outro momento quando surge o atendimento institucionalizado, já em meados do século, XIX, os indivíduos que apresentavam deficiência eram direcionados para instituições residenciais.

Como explica Miranda (2003, p. 3) Apenas no século XX começaram a se criar, em escolas públicas, algumas classes especiais destinadas a receberem os deficientes. Apesar de ser considerado um avanço, o que se notava era a continuação da segregação, pois a educação a eles destinada era feita à parte. Foi praticamente no final deste século, já na década de 70, que se observava o surgimento de um movimento de integração social dos indivíduos que apresentavam deficiência, cujo o objetivo era integra - los em ambientes escolares, o mais próximo possível daqueles oferecidos as crianças ditas “normais”.

A declaração de Salamanca, fruto da Conferência Mundial de Educação Especial, realizada na cidade de Salamanca, Espanha, em 1994, despontava como um dos maiores marcos a nível global em relação a inclusão escolar. Ficou acordado e registrado que os 88 países participantes dariam especial atenção ao seguimento dos deficientes e que, para tanto, adequariam seus sistemas educacionais, designando por meio deles, programas

destinados a incluir a vasta diversidade de características apresentadas pelas crianças, especialmente as que apresentassem necessidades educacionais especiais. Especificou-se sobretudo, que essa parcela da população passasse a ser atendida nas escolas regulares.

Miranda (2003, p. 4), reflete que, no Brasil as ações direcionadas para o atendimento aconteciam de forma diferente da que se deu no mundo, e também que eram ações isoladas, direcionadas inicialmente aos deficientes auditivos e visuais, e em menor proporção aos deficientes físicos, mas praticamente nulas em relação aos deficientes mentais. Em seus estudos, Zavareze (2009) aponta que, no Brasil o desinteresse por essas pessoas e as restrições relacionadas a sua educação se estenderam até a década de 50 do século XX, quando começaram a surgir algumas ofertas de atendimento educacional, com o objetivo de oferecer uma educação diferenciada para os deficientes geralmente voltada para inserção no mercado de trabalho.

A partir de 1959, o governo brasileiro se posiciona a favor da educação dos deficientes, assumindo para si uma parte dessa obrigação passando a investir recursos que permitiriam que já na década de 60, o país passasse a contabilizar mais de 800 estabelecimentos para Educação especial, na década seguinte (1970), o Brasil institucionaliza a Educação Especial em termos de planejamento de políticas públicas com a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), em 1973.

Pode-se afirmar, no entanto, que a década de 80 foi o período de ouro para a Educação Especial brasileira. Essa década foi marcada por inúmeros movimentos sociais empreendidos em prol dessa população (MIRANDA, 2003, p. 5).

Porém foi na promulgação de 1988 que foi oferecido o maior impulso para que a Educação Especial fosse desenvolvida, assim como em termos de inclusão. Além de assegurar que a educação é um direito de todos, estabeleceu ainda, em seu artigo 208, que o atendimento aos indivíduos com deficiência fosse realizado preferencialmente na rede regular de ensino, legitimando a inclusão desses sujeitos e ampliando as suas oportunidades educacionais

Lei de Diretrizes e Bases na Educação (Lei, 9.394/96) promove outros avanços importantes. Além de promover a população brasileira uma educação de qualidade, essa lei dedicou um capítulo exclusivo à Educação Especial, no qual assegurou a importância no preparo do professor, a fim de melhor compreender a diversidade dos alunos, a oferta de Educação Especial de crianças até seis anos, bem como o

investimento na qualidade do ensino dos alunos (CARVALHO, 1999, p. 12).

Diniz e Silva (2011, p. 2), afirmam nesse sentido que é necessário mostrar que a afetividade traz um ambiente acolhedor na escola, dessa forma favorece a integração dos alunos com deficiência, pois essas crianças chegam na escola regular como completos estranhos, em um mundo também estranho, cercado de barreiras arquitetônicas, tendo que se adaptar a um currículo e a práticas pedagógicas, que nem sempre se encontram ajustadas as suas necessidades especiais.

Para entender a todos e entender melhor a escola atual tem de mudar, e a tarefa de mudar a escola exige trabalho em muitas frentes. Cada escola, ao abraçar esse trabalho, terá de encontrar soluções próprias para os seus problemas. As mudanças necessárias não acontecem por acaso e nem por decreto, mas fazem parte da vontade política do coletivo da escola, explicitadas no seu projeto político pedagógico-PPP e vividas a partir de uma gestão democrática. É ingenuidade pensar que situações isoladas são suficientes para definir a inclusão como opção de todos os membros da escola e configurar o perfil da instituição. Não se desconsideram aqui os esforços de pessoas bem intencionadas, mas é preciso ficar claro que os desafios das mudanças devem ser assumidos e decididos pelo coletivo escolar (RODOPOLI, 2010, p. 10).

## JUSTIFICATIVA

O projeto de pesquisa que trata da importância da afetividade na Educação Especial e no processo de inclusão escolar é um tema relacionado a minha prática, nada mais é, do que meu trabalho nos últimos anos na Escola Municipal Luiz Moreira da Silva, com crianças especiais ou seja, com deficiência de 11 anos, no 2º ano do ensino regular.

Diante da realidade educacional dos alunos com deficiência no ensino regular, nota-se a necessidade e a importância da inserção do aspecto afetivo visando a inclusão e esse trabalho vem de encontro aos questionamentos: Onde? Quem? Como?

Após fazer observações no âmbito escolar, aos alunos como também aos profissionais da área, vi a necessidade de procuramos nos aprofundar para podermos pontuar possíveis soluções, fazer esclarecimentos, conscientizações, reflexões e mostrar os resultados obtidos na tentativa de uma melhor vivência, aprendizagem, ensino, desenvolvimento, enfim, de uma vida bem melhor com relação a essas crianças.

Pois, é necessário que saibamos a importância de tais fazeres pedagógicos para que possamos nos impulsionar para melhores ensinamentos, não falo apenas de professores, mas a escola como um todo para que com isso se tenha melhores resultados para aprendizagem num trabalho dinâmico e satisfatório.

Este trabalho trata da importância da afetividade em um fator inclusivo na Educação Especial, por entender que o indivíduo que é tratado com afeto pode transformar-se em um ser humano capaz de melhor enfrentar dificuldades como também ter mais chances de se tornar uma pessoa mais amigável e centrada.

Esse título de pesquisa “A importância da afetividade na Educação Especial e no processo de inclusão escolar” é um título formulado através da prática que foi vivenciada na realidade da escola foi pensado, escolhido, elaborado e pesquisado, visto a importância que se tem de inserir a afetividade no âmbito escolar em um processo inclusivo.

Essa pesquisa tão importante, foi trazida à tona para que se conheça os muitos resultados que se chegam praticando a inclusão introduzindo a afetividade nos espaços escolares, e principalmente na sala de aula.

Para melhor compreensão da afetividade na Educação Especial e inclusiva relataremos os diversos termos, os estados afetivos, sua influência e seu importantíssimo papel em todas as relações visando sempre a evolução.

## **OBJETIVOS**

### **OBJETIVOS GERAIS**

O objetivo geral desse trabalho, é analisar o acesso das crianças com deficiência nos processos escolares, tendo como específico, a inserção dessas crianças de modo afetivo.

Tornar cada vez mais próximo e acessível a aprendizagem e desenvolvimento com a inserção da afetividade e inclusão, para que sejam providos desenvolvimento plausíveis no decorrer de sua formação social, cultural, afetiva e cognitiva para garantir assim, avanços enriquecedores para uma vida salutar independentes de suas limitações.

## OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Meus objetivos específicos que priorizaram essa pesquisa foram:

❖ Proporcionar a Educação Especial e inclusiva os aspectos sócios afetivos que devem resultar na construção de um desenvolvimento e aprendizagem cada vez mais significativos.

❖ Estudar de que forma e ou modo a inclusão e a afetividade estimula a aprendizagem do educando com deficiência;

❖ Explicitar que a missão do professor não se limita apenas em transmitir conhecimento mas, como em variadas competências à serem construídas no dia a dia.

❖ Mostrar que para uma melhor apreensão do conhecimento estão atrelados outros fatores importantes, bem como a afetividade no fator inclusivo;

❖ Conscientizar aos profissionais que atendem esse público como também a todos profissionais envolvidos que repensem sua prática, para garantir uma educação acolhedora e afetiva;

❖ Dar alternativas para que a sala de aula seja um lugar prazeroso e que haja respeito mútuo sem preconceito e segregações;

❖ Contribuir para a efetivação da inclusão num ato afetivo, respeitando suas limitações, seus medos, seu tempo e valorizando os seus esforços;

❖ Esclarecer que a afetividade não se restringi apenas a beijos e abraços, mas em outros fatores importantes, e que os mesmos podem surgir naturalmente entre ambas as partes sendo algo espontâneo, livre de qualquer pressão obrigação, aparição, exibição, preconceito, entre outros.

## HIPÓTESES

Foram levantadas algumas hipóteses com relação ao tema e ou assunto abordado que seria “A importância da afetividade na Educação Especial e no processo de inclusão escolar.

Para uma possível resolução e ou esclarecimento da falta de afetividade como também da inclusão que envolve crianças com deficiência.



No que se refere a motivação para a aprendizagem, é oportuno diferenciar dois conceitos: motivação e incentivo.

Conforme, Sabbi (1999), a motivação é algo despertado interno e subjetivamente em cada pessoa, sendo que, para que isso aconteça são necessários estímulos.

A qualidade dos estímulos no caso dos alunos, determinará se eles se sentirão motivados ou não. Nesse sentido, a afetividade pode ser compreendida como um estímulo por que [...] a afetividade gera motivação. Se existe motivação, a criança realiza tarefas mais complexas (SABBI, 1999, p. 16).

E conseqüentemente gerará mais desenvolvimento e aprendizado em todos os aspectos seja eles: social, cognitivo e afetivo tendo assim, a afetividade como importante no processo educacional e inclusivo na realidade da criança com deficiência.

Silveira e Neves (2006), reafirmam essa hipótese considerando importante compreender as percepções dos envolvidos no cotidiano dos deficientes para que se possa entender a forma que reagem, como intervêm e como se comportam diante da deficiência e da própria inclusão. Nesse sentido, passa-se a analisar o papel que cada um dos que convivem com os portadores de necessidades especiais desempenha para que essa inclusão aconteça de fato.

Para que aconteça uma prática pedagógica diferenciada é necessário à existência de estímulos que transformem o aprendizado do aluno em algo prazeroso, o exercício de uma pedagogia afetiva permite ao professor conhecer o seu aluno, bem como suas particularidades;

[...] O que vai dar qualidade, ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto, são nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais que experiências e a vivência da experiência que amamos é que determinará a nossa qualidade de vida; por esta razão, todos estão aptos a aprender quando amarem, quando desejarem, quando forem felizes (CUNHA, 2008, p. 67).

O professor deve levar em conta a individualidade de cada um, propor o saber científico sem desprezar os conhecimentos prévios dos alunos, não podendo trata-lo como uma folha em branco.

O professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos de forma a entender as suas carências e suas dificuldades, nesse sentido, caberá ao professor diferenciar

severidade e respeito, já que o processo de ensino ao mesmo tempo em que se direciona a aprendizagem em suas atividades, deve ter como objetivo orientar as atividades autônomas e independentes dos alunos, estabelecendo normas e deixando bem claro o que se espera deles. (LIBÂNEO, 1994, p. 251).

A Escola não tem dado tanta importância aos aspectos afetivos e motores, priorizando os intelectuais, sendo que o afetivo e motor seria fundamental para o desenvolvimento e aprimoramento intelectual.

Portanto, é função da escola e do educador, um importante papel social, tendo a necessidade de compreender o educando no âmbito da sua dimensão humana, tanto afetiva quanto intelectual.

Leite e Tagliferro (2005), defendem que ao longo da vida de um sujeito a afetividade é parte fundamental. No que concerne a educação inclusiva, esses autores declaram que, assim como as emoções, a afetividade é ainda mais importante, pois não existe uma relação exclusivamente cognitiva entre o aluno e os conteúdos escolares. Adiantam nesse sentido, que é preciso estabelecer, entre o aluno e o ambiente que o acolhe, uma relação de reciprocidade.

Nesse contexto cita-se o trabalho de Saltini (1997, p.15), que ressalta que: As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos técnicos e educativos. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos, por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos, e de dores.

## REFERÊNCIAL TEÓRICO E BIBLIOGRÁFICO

No o objetivo de desenvolver ideias com base em referenciais bibliográficos visando o embasamento teórico do resultado nos quais já realizaram pesquisas remetentes ao assunto abordado e que nos ajudaram a sustentar o assunto apresentado na seguinte afirmação da “Importância da Afetividade na Educação Especial e no processo da Inclusão Escolar.”

A afetividade e a inclusão não são uma temática contemporânea, mas histórica. Diante dessa afirmativa torna-se oportuno discutir e desenvolver reflexões de teóricos que

buscam em sua defesa apresentar e questionar a questão da afetividade e inclusão, que são dois fatores indissociáveis.

Para o Aurélio (2008-2017), Emite o significado de: Afetividade e Inclusão. Afetividade= Faculdade afetiva, qualidade do que é afetivo. Função geral, sob a qual se colocam os fatores afetivos. Inclusão= Ato ou efeito de incluir.

De acordo com o tema escolhido os autores: Mantoan, Saltini, Silveira e Neves, Sabbi, Rodopoli, Libâneo, Resende e Leão entre tantos outros fundamentaram a min pesquisa apresentada.

De acordo com Mantoan: Adaptar o ensino a alguns alunos de uma turma de escola comum não condiz com a transformação pedagógica das escolas exigidas pela inclusão, nem conduz a ela (MANTONA, 2002).

Segundo a autora, a inclusão depende de uma mudança educacional, o que busca uma reorganização do processo educativo como um todo.

O professor(educador), obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhece-la não apenas na sua estrutura bi fisiológica e psicoemocional, mas também também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali (MANTOAN, 1997, p. 7).

A partir desse conceito de Saltini, compreendemos que as crianças estão abertas a receber e oferecer relação de intimidade afetiva com o mediador ou seja o professor.

Silveira e Neves (2006, p. 80), lembra que a inclusão de portadores de necessidades especiais nas escolas regulares, foi pensada para permitir que estes se beneficiassem das interações sociais e da cultura na qual passariam a ser inseridos, uma vez que essas alterações seriam adequadas[...]O que observa-se na prática é, que ainda hoje existe várias formas de isolamento e tem ocorrido nas escolas, quanto nas famílias sem que nenhuma providência seja tomada para ter efeito o que as leis delimitam.

Mantoan (2005, p. 95), Destaca alguns dos fatores que as escolas citam como obstáculo para aceitarem a inclusão de deficientes [...] Carecem de possibilidades de acesso físico, a alunos com deficiência motora; salas de aula superlotadas, falta de recursos especializados para atender as necessidades dos alunos com deficiência visual, a necessidade de dominar LIBRAS e interprete para alunos surdos, ausência ou

distanciamento de serviços de apoio educacional ao aluno e professor, resistência de professores, que alegam falta de preparo para atender aos alunos com deficiência nas salas de aula comum, resistência dos pais de alunos com ou sem deficiência, entre outros.

Mesmo com toda essa variedades de pontos negativos, Mantoan (2005, p. 95), revela que na realidade, eles escondem outros ainda mais complexos que seria a resistência do inovador, pois ficam arraigados as tradições.

Para entender a todos e entender melhor a escola atual tem que mudar e a tarefa de mudar a escola exige trabalho em muitas frentes. Cada escola ao abraçar esse trabalho, terá que encontrar soluções próprias para os seus problemas. As mudanças necessárias não acontecem por acaso e nem por decreto, mas fazem parte da vontade política do coletivo da escola, explicitadas no seu projeto político pedagógico-PPP e vividas a partir de uma gestão democrática. É ingenuidade pensar que situações isoladas são suficientes para definir a inclusão como opção de todos os membros da escola e configurar o perfil da instituição. Não se desconsideram aqui os Esforços de pessoas bem intencionadas, mas é preciso ficar claro que os desafios das mudanças devem ser assumidos e decididos pelo coletivo escolar (RODOPOLI, 2010, p. 10).

Para Rodopoli, A escola necessita de mudanças e em muitas frentes, partindo de cada chefia, cada escola teria que ter sua individualidade, soluções conjuntas, que a mudança precisa ser premeditada e só acontece com ações e que terá que partir de todos essa ação de mudar, sem fragmentos para que a inclusão seja a opção de todos os membros da escola.

A qualidade dos estímulos no caso dos alunos, determinará se eles se sentirão motivados ou não. Nesse sentido, a afetividade, a afetividade pode ser compreendida como um estímulo por que [...] A afetividade gera motivação, se existe motivação a criança realiza tarefas mais complexas (SABBI, 1999, p. 16).

Para Sabbi, o que determinará os estímulos é a qualidade deles e se houver afetividade, haverá estímulos em forma de motivação, e com a presença da motivação a criança irá além.

O professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos de forma a entender as suas carências e suas dificuldades, nesse sentido, caberá ao professor diferenciar severidade e respeito, já que o processo de ensino em mesmo tempo em que se direciona a aprendizagem em suas atividades, deve ter como objetivo orientar as atividades autônomas independente dos alunos, estabelecendo normas e deixando bem claro o que se espera deles (LIBÂNEO, 1994, p. 25).

Para Libâneo, em suas afirmações o professor terá que ser sensível as carências dos alunos, ouvi-los, entende-os priorizando a afetividade sem deixar de lado o cognitivo, sendo uma pessoa em que o aluno possa confiar.

Lidar com o que é considerado diferente ou até mesmo anormal que todas as pessoas, não é uma tarefa fácil para algumas pessoas, existem inclusive aquelas que têm medo de lidar ou de conviver com pessoas com deficiência agindo em alguns casos como se elas tivessem uma doença contagiosa, contribuindo para a perpetuação do preconceito e fomentação a exclusão. Esquecem-se no entanto, que todas as pessoas, inclusive as portadoras de qualquer deficiência necessitam de qualquer tipo de suporte afetivo (RESENDE; LEÃO JR., 2008, p. 83).

Leão e Resende conclui: É difícil lidar com as diferenças, mas mais difícil ainda, é lidar com o preconceito que algumas pessoas carregam e com isso só aumenta a segregação de inocentes com deficiência, pois não importa se com ou sem deficiência todos necessitam de afeto.

## METODOLOGIA

Na construção do meu artigo científico, e ou pesquisa, procurou-se obter várias informações cabíveis e necessárias para a construção desse trabalho procurando embasamento teórico de uma prática que já era vista como importante procurando ter fundamentação teórica para que pudesse sustentar o tema escolhido, na tentativa de elucidar, esclarecer e ou conscientizar o fato da “importância da Afetividade na Educação Especial e no processo de Inclusão Escolar”.

Para obter fundamentos inerentes a esse tema, fizemos uso de inúmeras leituras sobre o assunto abordado na perspectiva de mostrar de várias maneiras e por vários autores a importância da escolha do tema, o estudo do tema, o esclarecimento do tema e o fazer do tema.

A pesquisa apresentada foi desenvolvida por meio de coleta de dados como: pesquisas bibliográficas, revistas, artigos, depoimentos, observações, entrevistas entre outros. Esse estudo foi realizado tendo como base os teóricos que defendem a teoria trabalhada.

Realizou-se uma pesquisa de campo de caráter investigativo exploratório, através de questionários com perguntas objetivas e subjetivas, com questões que foram respondidas por alunos, pais e professores do 2º ano do ensino fundamental.

As informações continham questões sociais, econômicas e culturais, que auxiliam em uma melhor compreensão, visando entender melhor o ambiente social, cognitivo e afetivo dos alunos.

O questionário referente a pesquisa de campo foi aplicado em uma escola municipal na cidade de Alto do Rodrigues que é um município do estado do Rio grande do Norte (Brasil), localizado na microrregião vale do açu, sua população é de 12.306 habitantes, com área territorial de 191 km<sup>2</sup> e funciona nos turnos matutino e vespertino com Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental com média de duzentos alunos por turma, ao todo totalizando quatrocentos alunos com quatorze salas de aula, vinte e oito professores, quatro cuidadoras, seis merendeiras, seis zeladoras, diretor, vice diretor, supervisora, coordenadora, quatro secretárias e dois vigias.

## RESULTADOS EM TEXTO

Com base nas pesquisas de cunho qualitativa e interrogativa exploratório, só vieram a reforçar os resultados que já haviam sido sintetizados e pesquisados antes já compreendidos de tal importância da afetividade e inclusão escolar.

Esse resultado se deu através de pesquisas à teóricos que defendem essa prática como também tivemos uma amostra de um cenário escolar que envolvem a escola, professor, aluno e pais que resultou em um questionário com perguntas inerentes a afetividade e inclusão que trata de uma criança com deficiência física, que estaria com pouca auto estima, uma mãe não satisfeita com o tratamento da filha em sala de aula e uma professora que estaria desprovida de afeto, dando pouca importância para inclusão e priorizando apenas o cognitivo da criança.

Essa pesquisa através de questionário visou contemplar alguns questionamentos reflexivos como: De que forma se sente uma criança com deficiência quando não se tem afeto e inclusão de fato? Como os pais vêm a escola, a filha e a professora no contexto escolar? Como a professora analisa o quadro da criança com deficiência no emocional,

cognitivo e afetivo? De qual forma a professora se auto analisa com relação ao contexto de afetividade e inclusão?

Ao início da pesquisa procuramos contatar o diretor da Escola Municipal Luiz Moreira da Silva escola que atende da creche ao 5º ano das séries iniciais para que nos fosse dado total aval para que pudéssemos realizar e concluir nossa pesquisa, que seria adentrar na sala de 2º ano do ensino fundamental para observar uma criança ou seja uma aluna com deficiência física, a forma de seu comportamento em sala na socialização, interação, inclusão, afeição dentre outros aspectos.

Procuramos a mãe da criança para a feita deste ato de observar como também o aval de nos responder algumas perguntas inerentes a vida escolar de sua filha.

A mãe da mesma concordou em prestar algumas informações respondendo todas as questões que assim foram perguntadas e que tinham relação com afetividade e como também inclusão escolar. Iniciamos nossa pesquisa por meio de observação à discente E. S. M. C. em uma sala de aula de 2º ano do ensino fundamental na Escola Municipal Luiz Moreira da Silva no município de Alto do Rodrigues/RN.

Dando seguimento a pesquisa fizemos uma entrevista com a mãe da criança em relação a escola, a filha e a professora, dando continuidade fizemos alguns questionamentos a professora com relação a escola, o social, afetivo e cognitivo da criança.

Iniciamos a observação da aluna E.S.M.C. desde o início da sua chegada a escola até a sua ida para casa, a criança chegou na escola acompanhada de sua mãe que conduzia sua cadeira de rodas até o interior da escola por volta de 6:50 hs.

Sua mãe senta-se em um banco de frente a sala de aula e a menina na cadeira ao lado, ao tocar a sirene da escola as 7:00 hs, a mãe empurra a cadeira para dentro da sala, fica um determinado momento, mas logo se despede da filha prometendo voltar no recreio.

De acordo com observações feitas em sala de aula, a menina é muito quieta, fala pouco, não expressa nenhum tipo de sentimento, aparentemente não interage com os colegas, nem com a professora.

Na hora da aula e tarefa, não esboçou nenhum tipo de reação, não fez nenhum tipo de pergunta e nem tirou possíveis dúvidas.

Chegada a hora do recreio por volta das 9h30min., quando a mãe da criança chega e leva amenina para o refeitório para que possa fazer o lanche, ao tocar a sirene novamente as 10h00min., sua mãe traz novamente sua filha pra dentro da sala de aula para dar continuidade as aulas, de 11h20min., a mãe da criança retorna para buscá-la, pois neste horário encerra-se as atividades escolares da instituição.

Com base nas perguntas e respostas, a criança tem 11 anos de idade, cursa o 2º ano do ensino fundamental, a mãe relata que sua gravidez foi bastante conturbada, pois a mesma estava sempre nervosa pelo motivo do pai da criança ser agressivo, a mãe fala que a criança demorou bastante para nascer como também para chorar tendo parto normal e que a menina andava normalmente quando pequena, mas teve atrofia muscular espinhal impossibilitando a filha de andar, ela relata que a menina sente fortes dores nos ossos e na barriga como também dificuldades de segurar objetos.

A criança tem acompanhamento duas vezes por semana pelo ortopedista, neurologista e nutricionista na capital do estado. Na opinião da mãe da criança a escola está adaptada com relação ao espaço físico, mas sente falta de uma cuidadora para acompanhar a filha, ou seja uma auxiliar de professor em sala de aula para que a criança fosse melhor assistida e acompanhada, a genitora acrescenta que se queixa da professora, que segundo ela, não sabe tratar bem sua filha, como também sente falta de uma brinquedoteca onde a criança pudesse entrar e brincar bastante.

Também falou que a filha é bastante carinhosa e educada, mas que não se socializa bem, por ser tímida e que tem a aprendizagem lenta. Também descreve que não tem nenhum tipo de problema em sua fala, fala também que a maior dificuldade para eles, é não ter uma cadeira de rodas adaptada para sua filha.

Fizemos alguns questionamentos a professora que em seu relato nos falou que sua aluna demonstra ser meiga, carinhosa e tranquila, fala da socialização com os colegas que na opinião da professora seria boa.



E que a discente se expressa bem oralmente e que estaria no nível pré- silábico e que pelo fato da menina faltar algumas vezes está sendo prejudicada no seu rendimento escolar.

Lidar com o que é considerado e diferente ou até mesmo anormal, que todas as pessoas, não é uma tarefa fácil para algumas pessoas existem, inclusive aquelas que têm medo de lidar ou de conviver com pessoas com deficiência agindo em alguns casos como se elas tivessem uma doença contagiosa, contribuindo para a perpetuação do preconceito e fomentando a exclusão. Esquecem-se no entanto, que todas as pessoas, inclusive as portadoras de qualquer deficiência necessitam de qualquer tipo de suporte afetivo (RESENDE; LEÃO JR., 2008, p. 83).

Sob essa perspectiva que se afirma de acordo com Costa (2011, p. 08) que a afetividade é um mecanismo indispensável na construção da aprendizagem principalmente em se tratando de escola inclusiva, haja vista que ali todo o grupo lida com o desconhecido e precisa se sentir amparado.

Diniz e Silva afirmam, nesse sentido que no entanto, vale salientar que é o professor um dos responsáveis por orientar o posicionamento da turma para receberem os alunos com deficiência que serão incluídos na sala de aula como também na escola.

Para tal questão será preciso um trabalho com os discentes mostrando e motivando o respeito as diferenças, ao ser humano e aos demais valores que contribuam para dessa forma promover o tratamento justo de igual para igual com toda a turma.

Outro ponto importante para o bom relacionamento com a escola, é conhecer a história de vida dessas crianças para que se possa apoiar com respeito, amizade e afetividade.

Devem ser planejadas e trabalhadas as práticas educacionais atreladas a realidade do aluno não apenas na questão cognitiva como também familiar.

A Educação Especial como também inclusiva precisa ser cuidadosa e racional, o trabalho pedagógico afetivo precisa ser visto como importante nessa modalidade visando um trabalhar pensado afetivamente, pode acarretar frustrações, faz-se necessário mudanças e inovações educacionais com urgência.

Que o aspecto afetivo é importante todos sabem, mas é imprescindível que o aluno com deficiência tenha suas limitações respeitadas e aceitas como também suas potencialidades e seu tempo.

Na modalidade de ensino de Educação Especial é imprescindível que se tenha um olhar de afeto e inclusão de fato e de verdade, mas para isso requer que haja conversas, discussão, debates para que providencias sejam tomadas e que possíveis barreiras sejam sanadas para um melhor aproveitamento e desenvolvimento desses alunos.

Marchand (1985, p. 93), alerta que o educador precisa trabalhar a afetividade para mudar sua concepção sobre o educando, em especial o aluno com deficiência. Ele diz: É, sobretudo o mestre que pode, mudando de atitude, provocar um aperfeiçoamento da relação afetiva. Toda pedagogia desta relação leva, pois, em última análise, a uma formação do mestre que se preocupe, principalmente, com o aspecto afetivo.

Assim percebe-se que a família juntamente com os docentes educacionais são peças fundamentais para que juntamente com o educando com deficiência possam focar na afetividade tendo como um recurso motivacional. As legislações fizeram com que a inclusão das pessoas com necessidades especiais se tornasse realidade.

No entanto Picchi (2002), esclarece que, embora elas tenham sido de grande importância, haja vista que sem elas o processo seria mais trabalhoso, a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais não é feita apenas de leis.

De acordo com Macêdo (2006, p. 1), quem não permite ou facilita a inclusão dos deficientes em salas de aula de escolas regulares está agindo, de certa forma, semelhante a atitudes que os antigos tinham. Embora não eliminem literalmente tais crianças, as excluem do seu convívio e as condenam a viverem segregadas por toda a vida.

É nesse sentido que Guijarro (2005, p. 13) afirma, que a inclusão tem de ser um projeto de toda a comunidade educacional, assim como dos pais, e que todos devem se responsabilizar pela aprendizagem e integração de cada um dos alunos, É necessário um trabalho colaborativo entre os professores, entre os professores e pais, professores e especialistas e entre os próprios alunos.

## CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A DISCUSSÃO

Com base nas pesquisas realizadas como também no questionário aplicado com relação ao cenário principal que é a escola e seus principais componentes, houve a

preocupação em colaborar com a afirmativa da importância da afetividade no processo de inclusão escolar de crianças de 2º ano das séries iniciais da Escola Municipal Luiz Moreira da Silva.

As perguntas foram elaboradas para esclarecer de que forma ou modo uma criança com deficiência pode ser afetada ou beneficiada no contexto da escola como também dando ênfase a opinião dos pais e visão dos professores em relação ao quadro de afetividade e inclusão.

Com relação a observação da criança, nota-se que a mesma tem pouca autoestima, fica sempre quieta e pouco tem atenção por parte da professora, e isso é bastante comum quando se trata de crianças com deficiência.

Em se tratando da mãe da criança, com relação a escola a mesma sente falta de uma sala com brinquedos e uma cuidadora para que a mesma não precisasse vir até a escola na hora do recreio e também ter um melhor acompanhamento nas tarefas escolares.

A mãe da criança opina com relação ao tratamento que a filha recebe da professora, que fala com outras palavras que a filha não recebe o afeto necessário não por ter deficiência mas como pessoa que precisa desse suporte que é a afetividade.

As indagações da professora divergem com a mãe da criança e como também com nossas observações com relação a socialização que na opinião da professora é boa mas a da mãe não é muito pelo fato da criança ser tímida, e em nossas observações constatamos esse fato.

Há outra divergência pois a mãe da criança gostaria que uma professora auxiliar acompanhasse sua filha, já a professora acredita não precisar desse reforço que seria importante para a aceleração da aprendizagem que segundo a mãe da criança é lenta.

A professora atribui o pouco desenvolvimento da criança porque a mesma falta algumas aulas, mas são faltas necessárias porque precisa ser acompanhada por especialistas da área como também as dores que a criança sente por ter atrofia muscular espinhal.

A inclusão escolar, como também a afetividade como fator inclusivo é um assunto que não se pode deixar de lado, devendo estar constantemente nas reuniões escolares, nas discussões do conselho escolar.

Isso porque a inclusão já é uma realidade nos documentos, mas que é preciso que sejam sanados entraves existente nas escolas que impede que a inclusão equiparada a afetividade produza os efeitos capazes de aprimorar o dia a dia dessas crianças trazendo-as progresso positivo de desenvolvimento como um todo, seja na vida social, familiar, como também no âmbito escolar.

E para que isso ocorra são necessárias atitudes partindo dos secretários de educação, diretores, supervisores, coordenadores, professores, família e sociedade em geral, pois isoladamente não se chega a lugar algum.

[...] Escola para todos, isso é instituições que incluam todo mundo, reconheçam as diferenças, promovam a aprendizagem e atendam às necessidades de cada um [...] Os serviços educativos especiais[...] Não podem desenvolver-se isoladamente, mas devem fazer parte de uma estratégia global da educação e, naturalmente, de novas políticas sociais e econômicas, requerem uma reforma considerável da escola comum (UNESCO, 1994, p. 5).

## CONCLUSÃO

No meu tema apresentado para essa pesquisa “A importância da afetividade na Educação Especial e no processo da Inclusão Escolar”. Nos remete uma reflexão em relação as práticas pedagógicas e as políticas de Educação Especial e Inclusiva, com relação ao ato pedagógico no ambiente escolar que deverá ser pensado e repensado de modo a favorecer cada um.

Tal reflexão nos faz reconhecer a ética profissional como ato de transformação, inserido no contexto sociocultural, investindo na inclusão afetiva num processo de ação, reflexão, ação, e tendo a compreensão do conhecimento e das políticas públicas e garantindo o desenvolvimento de uma Educação Especial e Inclusiva, favorecendo a afetividade, o amor, o respeito, com essa prática teremos mudanças de grande valia na sociedade.

Destaca-se nesse sentido, que a inclusão não pode ser confundida com um confinamento de crianças com necessidades educativas especiais nas escolas regulares,

ou como um mero passatempo ou então um depósito de crianças, pois quando isso acontece fica notório o isolamento real dessas crianças, deixando de lado o real objetivo que é incluir com afetividade.

O meu intuito nesse tema como também nessa pesquisa, foi descobrir, demonstrar e revelar que a afetividade como fator inclusivo não pode ser realizada com sucesso se todos não se envolverem em prol desse bem comum e de solidariedade humana, assim a família e toda a comunidade escolar.

Nesse contexto a afetividade se torna um subsídio imprescindível, pois prepara o ambiente psicológico, eleva a autoestima do aluno incluído e aceito.

Essas condições são importantíssimas para que o ato de inclusão não fique apenas no papel em leis e planos governamentais, mas que se torne um fator integral de desenvolvimento dos alunos com deficiência.

Este estudo revelou ainda, que a escola necessita está preparada tanto no aspecto físico como no filosófico, cabe também a família aceitar as limitações e deficiência do seu membro, pois desse modo contribuirá para que ele próprio se aceite.

Aos docentes se encaixa um fundamental papel o de compreender e respeitar como também induzir aos demais alunos o respeito mútuo, o docente também precisa dar exemplos de afetividade, para que os demais se espelhem nesse ato.

É necessário que o professor faça uma adaptação de suas práticas pedagógicas afim de facilitar a aproximação e o gosto pelos estudos, visando uma possível equiparação entre toda a turma.

Concluo este trabalho e ou pesquisa destacando que é preciso que aconteça um trabalho conjunto de toda a instituição escolar e a comunidade para que a inclusão em um fator afetivo venha trazer bons frutos visando uma vida melhor para essas crianças com deficiência para que tenham o pleno desenvolvimento de suas capacidades e potencialidades, cognitivas, afetivas, emocionais, éticas e inserção social.

## REFERÊNCIAS

AURÉLIO. **Dicionário online, Português**, 2008-2017.

- BRASIL, Ministério da Educação. **Educação inclusiva: a escola**.v.3  
Brasília:Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2004.
- CARVALHO, R. E. **A nova LDB e a Educação Especial**. Porto Alegre:Mediação,1999.
- COSTA, A. P. **A importância da afetividade no processo da inclusão escolar**.  
Monografia. Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano. Brasília:  
UNB.2011.
- CUNHA, A. E. **Afeto e Aprendizagem relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro:Wak,2008, p.46.
- DINIZ; J. C. A.; Silva, R. A. O. **A afetividade e o convívio em sala de aula: fatores que influenciam na interação professor-aluno e no processo de ensino aprendizagem**. (2011).
- FASSION, J. R. (org.). **Inclusão escolar e suas implicações**. 2.ed. rev. atualiz.  
Curitiba: Ibipex, 2008, p.110
- GUIJARRO, M. R. B. **Inclusão: um desafio para os sistemas Educacionais**. In:  
Brasil. Ministério da Educação e Cultura. Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas: Brasília: MEC, SEESP, 2005, p.7.
- HILIAL, J. Relação professor-aluno: **formação do homem consciente**, São Paulo. Paulinas, 1998, p. 3
- LEITE, S. A. S.; TAGLIAFERRO, A. R. **A afetividade na sala de aula: um professor inesquecível**. Psicologia escolar e Educacional, 2005, v.9, n.2, p.247.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez Editora, 1994, p. 251.
- MACÊDO, J. A. S. **Inclusão: a escola está preparada para ela?** (2006).
- MANTOCHAN, M. T. E. **O atendimento educacional especializado em deficiência mental: descobrindo capacidades e explorando possibilidades**. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Ensaio pedagógicos: construindo escolas inclusivas. Brasília; MEC, SEESP,2005, p.95
- MACIEL, M. R. C. **Portadores de deficiência: a questão da inclusão social**. São Paulo em perspectiva.n.14, v.2,2000, p.53
- MARCHAN, M. **A afetividade do educador**. São Paulo:Summus,1985.
- MIRANDA, A. A. B. História, **deficiência e educação especial**. (2003).
- PICCHI, M. B. **Parceiros da inclusão escolar**. São Paulo: Arte & Ciências,2002.
- RESENDE, A. P. C.; LEÃO JUNIOR, R. In: RESENDE, Ana Paula Crosara de; VITAL, Flávia Maria de Paiva Vital(coord.). **A Convenção sobre Direito das Pessoas com Deficiência comentada**.Brasília:Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008.p.80.SABBI, Emanuel. **Desenvolvimento infantil, as emoções e a sala de aula**. Revista do professor. Mar/abr.1999.
- SALTINI, C. J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro:DPA,1997, p.15

SCHIMITT, M. I. **Inclusão escolar na educação básica: a trajetória de uma escola da Rede Sinodal de Educação da IECLBB.**

SILVEIRA, F. F.; NEVES, M. M. B. J. **Inclusão escolar de crianças com deficiência múltipla: concepções de pais e professores.** Psicologia: Teoria de pesquisa. Jan./abril.2006, v.22, n.1, p.79.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.** Unicamp: 2000, p. 17.

UNESCO. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência (CORDE). **Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais.** Brasília: CORDE,1994, p. 5.

ZAVARESE, T. E. **A construção histórico cultural da deficiência e as dificuldades atuais na promoção da inclusão.** 2009.

Data de submissão: 12/06/2023. Data de aceite: 20/06/2023. Data de publicação: 01/07/2023.